

JORNALISMO E NARRATIVAS: CAMINHOS “DA VIDA”¹

Bruno Teixeira Chiarioni²

Resumo

A revolução tecnológica aprimorou o exercício da profissão do jornalismo na sociedade moderna. No entanto, a prática se alterou. Hoje, quase tudo está ao alcance da informação, pouco para a narração. As aspas são fundamentais, mas o bom repórter é aquele que está na rua, se aproxima do desconhecido e das vozes isoladas na periferia da notícia. Este trabalho propõe analisar reportagens e colunas publicadas pelas revista *Época* nos últimos três anos. Nelas, observa-se a entrega do repórter a personagem e a precaução com uma narrativa de emoção e afeto. Para este estudo, utilizam-se teóricos como Cremilda Medina, Luis Carlos Restrepo, Martin Buber, Edgar Morin, Roland Barthes, entre outros.

Palavras-chave: 1. Jornalismo 2. Narrativas 3. Histórias de vida 4. Reportagens 5. Revista *Época*

Quanto vale uma vida? É a pergunta que abre esta discussão.

A vida de Fábio custou R\$ 520. Fábio foi a personagem protagonista da reportagem de Martha Mendonça da edição de 13 de setembro de 2010 da revista *Época*. É a história absurda do menino de 14 anos que morreu porque as autoridades se recusaram – mesmo com ordem da Justiça – a fornecer um aparelho simples para ajudá-lo a respirar. Um aparelho que custava R\$ 520. A vida de Fabinho custou menos de um salário mínimo.

Eram 16h06 do dia 9 de agosto quando Fábio de Souza do Nascimento morreu de insuficiência respiratória. Ele viveu 14 anos, com os pais e a irmã mais velha, num condomínio popular de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Gostava de pipa e videogame, de desenho animado e futebol. Torcia pelo Flamengo. Adorava churrasco e misto-quentes. Sonhava em ser motorista de caminhão (Mendonça, 2010, p.94).

¹ Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

² Bruno Teixeira Chiarioni é mestrando em Comunicação na Contemporaneidade pela Faculdade Cásper Líbero. E-mail:

A morte serve como um grito a uma grave denúncia: as falhas do sistema de saúde do Brasil, que pela lei deveria garantir tratamento a qualquer cidadão, mas na prática tem de lidar com recursos escassos.

Em 2006, Fabinho passou por um transplante de medula. Nesse período, desenvolveu uma doença pulmonar que obrigava o uso de um balão de oxigênio em casa. Os pais dele conseguiram o equipamento na Justiça. Mas nunca o receberam.

Fabinho não teve uma vida fácil. A mãe – Maria das Graças Ferreira de Souza, mineira de Ponte Nova, uma dona de casa de 57 anos – e o pai – Antônio Serafim Nascimento, de 56, paraibano que faz bicos como pedreiro – se alternam ao contar sua história. De vez em quando param de falar para chorar. Outras vezes sorriem juntos com alguma lembrança. (...) A cirurgia, bem-sucedida, parecia ser o início de uma nova vida para ele. Não foi (Mendonça, 2010, p.96).

A narrativa de Martha engrandece, tece, transforma. Ao contar a história deste brasileiro, de 14 anos, a jornalista vai além dos ideais de objetividade e imparcialidade. Assim, Martha narra, emociona, envolve com sutileza e generosidade. Questões que vão além da profissão, mas que falam de vida. Conhecemos Fabinho como se estivéssemos diante de uma pessoa próxima, íntima, familiar.

(...) Também sonhava em ter um quarto só pra ele, já que, desde pequeno, dormia com os pais. Mas Fabinho era bem diferente em outros aspectos. Tantos tratamentos e remédios frearam seu desenvolvimento. Tinha 14 anos, mas corpo de 10. (...) Já no fim, as alegrias de Fabinho foram escasseando. Andava poucos metros e já ficava cansado ou começava a tossir. Passou a ir à pracinha apenas para ficar sentado nos bancos vendo as outras crianças brincar. (...) De tudo, Maria das Graças tem apenas um arrependimento: não ter deixado Fabinho tomar banho de chuva. Ele sempre quis, mas ela, preocupada com sua saúde, proibia: “Agora fico imaginando meu filho correndo na chuva, molhado e feliz” (Mendonça: 2010, p. 100-101).

7º Interprogramas de Mestrado

Figura 1. Capa da revista com a história de Fabinho (reprodução/Época)

Narrar é uma característica humana e, como em qualquer mediação, a narrativa está presente, uma vez que ela se trata de algo contado por alguém. Para este autor, repórter e personagem estabelecem um intercâmbio de relações e de sentidos neste universo. Como escreve John Berger em *Modos de ver*:

(...) o ato de ver estabelece nosso lugar no mundo circundante. Explicamos esse mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados (Berger, 1999, p.9).

Não falemos de uma regra única para o narrar. Os jornais impressos, as agências de notícias que abastecem a internet, os telejornais diários e suas notícias do dia são importantes para cumprir a agenda e informar. Porém, é necessário valorizarmos também o outro lado: o jornalismo feito por quem gosta de contar histórias a fundo, repletas de enredos e personagens que possam traduzir, além das palavras e das imagens, sugestivas interpretações.

Não se trata de apresentar a realidade como ela é ao receptor, ambição objetivista, mas também não é o caso de assumir a própria subjetividade como detentora da verdade e impô-la aos outros, numa corrupção do papel

7º Interprogramas de Mestrado

do autor. Pede-se ao jornalista humildade para assumir que não sabe tudo, e coragem para não se deixar tiranizar pelas exigências da objetividade que mais servem para encobrir contradições do processo de produção jornalístico do que a intenções de honestidade. Muito mais do que se manter frio diante dos fatos, a profissão de jornalista exige uma capacidade relacionadora para compreender um mundo que se apresenta complexo (Barros, 2003:113).

É hora de sair às ruas, porque as experiências de vida engordam a gente.

Nós, jornalistas, estamos demorando muito para oxigenar nossa mentalidade. A visão com que operamos ao pautar e desenvolver uma pauta tende quase sempre para o enquadramento esquemático do real, a atrofia de sua vitalidade enquanto processo (Medina, 1991: 195-196).

Em sua dissertação de mestrado *Viagem ao outro – um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes*, a jornalista Denise Casatti destaca que:

quando um jornalista faz uma pergunta ou afirma algo a uma fonte, muitas vezes evoca uma resposta da fonte que jamais teria nascido sem aquela pergunta. O processo inverso também acontece, pois a fonte às vezes leva o jornalista a algo que ele jamais pensaria sem aquela intervenção”. Assim, ela reforça, “a verdadeira matéria nasce quando um Eu se encontra um Tu”. (Casatti, 2006, p.90)

Casatti bebeu na fonte de Martin Buber. Na introdução que escreveu para *Eu e Tu*, a mais importante obra de Buber, o professor Newton Aquiles Von Zuben reforça que uma das principais virtudes dos escritos do autor: sua voz ecoa exatamente numa época que paulatina e inexoravelmente se deixa tomar por um esquecimento sistemático daquilo que é mais característico no homem: a sua humanidade. E vai além: expõe que o primordial no pensamento de Buber é a relação do diálogo, assim o lugar dos outros é indispensável para a nossa realização existencial.

O homem não é uma coisa entre coisas ou formado por coisas quando, estando eu presente diante dele. (...) Ele é Tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte. Isto não significa que nada mais existe a não ser ele, mas que tudo o mais vive em sua luz (Buber, 2001, p.57).

As palavras de Buber podem ser aplicadas em todos os âmbitos da vida humana: não existe diálogo, interação, participação ou até mesmo existência, se não houver o outro. Os dois lados. As duas faces. Citando Buber (2001, p.62):

Acredite na simples magia da vida, no serviço, no universo e lhe será esclarecido o que significa cada espera, cada olhar da criatura. Qualquer

7º Interprogramas de Mestrado

palavra seria falsa; mas veja: os entes vivem em torno de você, mas ao se aproximar de qualquer um deles você atinge sempre o Ser.

É preciso “reformular o pensamento, repensar a reforma”, como dispara o sociólogo francês Edgar Morin, em sub-título do livro *A cabeça bem-feita*.

O que essas ciências fazem é apresentar um tipo de conhecimento que organiza um saber anteriormente disperso e compartimentado. Ressuscitam o mundo, a Terra, a natureza – noções que nunca deixaram de provocar o questionamento e a reflexão na história de nossa cultura – e, de uma nova maneira, despertam questões fundamentais: o que é o mundo, o que é a nossa Terra, de onde viemos? Elas nos permitem inserir e situar a condição humana no cosmo, na Terra, na vida (Morin, 2010, p.35).

Morin declara a necessidade de uma reforma do pensamento, uma vez que a missão da humanidade é transmitir “não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.” (2010, p.11) Suas palavras se dirigem à educação, mas englobam todos os setores da vida, uma vez que o conhecimento e qualquer produção “pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (2010, p.11).

Morin elege a complexidade como um bastião da humanidade, uma vez que a “inteligência só sabe separar o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo” (2010, p.14).

Morin defende ainda a compreensão entre as pessoas, uma vez que “abrir-se para a vida é abrir-se também para as nossas vidas” (2010, p.36). Compreensão que significa apreender em conjunto, na troca, no diálogo, *comprehendere*, aquele que abraça, que tece junto – o texto, o conhecimento, o múltiplo, o uno. Substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une.

Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o subjetivo.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos

7º Interprogramas de Mestrado

inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (Morin, 2010, p.51).

O jornalista, ao entrar em contato com a realidade do outro, ele deve ter a consciência de que “conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele” (Morin, 2010, p.37). A entrega é uma relação que vai além de uma simples troca de informações. É uma doação às personagens abordadas e aos universos mergulhados. É esse exemplo de reportagem que a jornalista gaúcha Eliane Brum acredita.

Minha busca, no jornalismo, é entender o dá sentido à vida das pessoas. Como elas reinventam suas vidas com muito pouco. Isto é o fascinante do humano. Acho que cada jornalista tem a sua busca. A minha é esta. É ela que me move. Gosto de escarafunchar as pessoas, entender como vivem, quem são, o que tem que é só delas. Quando me perguntam sobre o que eu escrevo, nunca sei o que dizer. Eu não sou uma repórter especializada em nada. Eu conto histórias de gente. E acho que se entendo de alguma coisa, é de gente.³

Mas, afinal, por que precisamos disso tudo?

As histórias de vida bem narradas tratam com sensibilidade de coisas que são humanamente caras para os dois sujeitos dessa relação. Por quê? Porque elas, de alguma forma, nos representam a todos. São as histórias de todos nós. No fim das contas, enquanto houver ser humano sobre a face deste problema, a experiência continuará a se repetir. Conte uma boa história, e você terá o coração das pessoas (Groger, 2010, p.75).

“Submeter a razão ao teste da plasticidade do que é vivo”, escreve Maffesoli (2007, p.28). Segundo ele, estamos diante de um tempo em que se faz necessário enxergarmos a prática do dia a dia. Afinal, comunicar é tocar, falar, discutir, evidenciar, compreender, entender, justificar, entregar. “Não faltam ilusões, empenhadas em medir o pensamento pelos referencias da profissionalização, do utilitarismo, da política e até da simples crítica. Mas o seu terreno exclusivo é o da ousadia” (Maffesoli, 2007, p.16). É tempo de ousar – na prática da vida.

Para isso, acredita-se na necessidade de um “reencantamento do mundo” uma vez que há momentos em que precisamos de razões e conceitos, outros em que é necessário saber cavar minas e galerias internas. Com seu tom provocador, Maffesoli desafia

7º Interprogramas de Mestrado

intelectuais e jornalistas a despirem-se de suas verdades absolutas para lidarem com a impossibilidade da domesticação do imaginário contemporâneo.

Não se trata apenas de “comunicar”, algo que pode se revelar contraproducente, mas, como dizia Mallarmé, de “dar um sentido mais puro às palavras da tribo”. São essas as palavras inconscientemente esperadas, não para reconfortar as próprias certezas, o desejo de tudo facilitar, mas para estimular as exigências do ser (Maffesoli, 2009, p.11).

Maffesoli propõe a busca por uma razão sensível como uma saída para o entendimento do mundo. O colombiano Luis Carlos Restrepo também discorre sobre essa necessidade de enxergamos com afeto e apreço:

Só abertos aos dados dos sentidos, aos afetos que nos cruzam para combiná-los com formulações abstratas e conceituais, é que conseguimos aproximar-nos da singularidade dos seres, tornando mais precisos nossos processos de conhecimento. Não importa que por esta via nos afastemos daquela meta utópica da razão, isto é, de querer enunciar regras válidas para todas as épocas e situações. (...) É no plano do sensível que residem nossas mais radicais diferenças. É na maneira de perceber os aromas, as carícias ou o tato, em nossos ascos e alegrias, nos pequenos prazeres e nas exaltações emocionais que fica mais claramente marcada nossa irreduzível singularidade. Pensar de acordo com uma lógica do sensível, aberta à captação de diferenças, é prestar atenção a esses vaivéns afetivos que dão conta de nossos toques e nossos encontros (Restrepo, 1998, p.45).

A segunda reportagem foi publicada no site da revista *Época*, em 21 de julho de 2011. *Mães de UTI*, da reporter Cristiane Segatto, conta a história de duas mulheres. Vale a pena conhecê-las:

Mara é presbiteriana. Viviane é católica. Mara é zootecnista. Viviane, corretora de imóveis. Mara vive em Uberaba, Minas Gerais. Viviane é de Concórdia, Santa Catarina. Nenhuma semelhança aparente. O encontro improvável dessas duas mulheres aconteceu graças à imprevisibilidade da vida. Essa que, teimosamente, tentamos controlar⁴.

As histórias se parecem no enredo – tiveram um mesmo começo:

Mara Bizinotto, 41 anos, e Viviane Suzin, 37 anos, conheceram-se no Instituto do Coração, em São Paulo. A filha de Mara (Mariana, 3 anos) e o filho de Viviane (Cauê, 2 anos e quarto meses) tiveram uma doença no

7º Interprogramas de Mestrado

músculo cardíaco. Crianças ativas, lindas, aparentemente saudáveis receberam, de uma hora para outra, um diagnóstico sombrio. O coração tornara-se incapaz de bombear o sangue normalmente. Só um transplante poderia salvá-las.

Palavras que emocionam. Frases que se assemelham na dor e na alegria.

Numa UTI, a solidariedade também precisa ser intensiva. É o que aprendem as mulheres que passam longos meses cuidando de um filho num ambiente inóspito. A união que essas mulheres conseguem construir torna mais leve a carga que precisam suportar. Demonstrações de apoio vêm de todos os lados. Quando o intestino da filha parou de funcionar bem, semanas antes do tratamento, Mara foi surpreendida pela voluntária que trouxe do Ceasa uma caixa de frutas que poderia ajudar. “É muito carinho”.

Em sua reportagem, subvertendo a ordem, é possível ouvir a voz de Segatto. Sim, ela está ali. Diante da dor dos outros, ela não está imune. Reforça, tece. Desabafo:

A morte inesperada de uma criança subverte a ordem natural das coisas. É injusta, inaceitável, chocante sob qualquer ponto de vista. Nenhuma família deveria passar por isso, mas fatalidades acontecem. Diante da perda, os pais e as mães que optam pela doação acreditam que o filho estará vivo, de alguma forma, se puder permitir que outras vidas prossigam.

Em seu desabafo, acompanhamos a história.

O que mantém Viviane em pé é a esperança de encontrar uma família capaz desse ato de generosidade. Cauê precisa de um doador compatível, com peso entre 10 e 30 quilos. O estado dele é muito grave. O músculo cardíaco dilatou demais e não é capaz de trabalhar adequadamente. Na lista de espera, Cauê está em situação de prioridade. (...) Há 40 dias na UTI, sedado e entubado, Cauê tem uma única chance: “Não desejo que a vida de uma criança termine para que meu filho possa viver”, diz Viviane. “Mas peço a Deus que toque o coração dos pais que acabaram de sofrer uma perda”.

Segatto destaca que na luta pelo transplante do filho, Viviane descobriu que existem pessoas boas no mundo. No final da reportagem, noticia-se que Mariana, filha de Mara, fez o transplante. A mulher se diz agradecida pela doação e revela que toda a experiência adquirida com o sofrimento foi uma escola de vida. “Vou sair daqui muito melhor do que entrei”, confessa.

O pensador Vilém Flusser escreve que “todos os dias, lemos intuitivamente os gestos do mundo codificado ao nosso redor” (Flusser, 1994, p.10). “Os gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção”, complementa. Para tal, é necessária

7º Interprogramas de Mestrado

uma “nova comunicação” que desperte um novo “estado de olhar” sobre uma leitura comunicacional do mundo social. “Uma comunicação refletida como uma orquestração ritual, eminentemente sensível e sensual”, como escreve Etienne Samain (1998, p.10), em prefácio de *A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo*, de Yves Winkin. Uma narrativa que esteja diretamente ligada a um processo de construção de uma identidade – tanto do repórter em relação à personagem e vice-versa, uma vez que:

(...) na gramática das narrativa nós podemos ver como identificamos e descrevemos estados e eventos que aparecem num mundo da vida: como interligamos e organizamos sequencialmente em complexas unidades as interações dos membros em espaços sociais e tempos históricos; como explicamos as ações dos indivíduos e os eventos em que estão envolvidos; os atos de coletividades e os destinos que elas encontram, da perspectiva de gerações situações (1987, p.136).

A “nova comunicação”

É preciso recorrer a um grupo de pesquisadores norte-americanos que, desde a década de 1950, instituiu o que ficou conhecido no meio acadêmico como o Colégio de Palo Alto, na Califórnia. São estudiosos e profissionais instigados com os métodos tradicionais de estudo sobre a “velha comunicação” – “a comunicação considerada como transmissão intencional de mensagens entre um emissor e um receptor” (Winkin, 1998, p.13). Sobre a ótica de Palo Alto, a comunicação se dá por completo através de uma série de fatores, ou melhor, múltiplos fenômenos como a fala, o gesto, o olhar, as relações interindividuais e intrapessoais. O que se busca é uma valorização dos “nossos órgãos sensoriais”, para que assim possamos:

(...) Descobrir que, neste universo humano, não vivemos apenas no meio de postes, de quilômetros de fios elétricos, no tear de uma multidão de fibras óticas ou nos interstícios de uma legião de satélites. Descobrirá que, nos balcões dessa complexa teia comunicacional ou, melhor dizendo, nos palcos dessa rede interplanetária, somos sempre – de maneira solidária, institucional e orquestral – os atores necessários de nossas apresentações e de nossas representações, sem as quais não existiriam sociedades e muito menos dinâmicas sociais. (Samain, 1998, p.10)

7º Interprogramas de Mestrado

Nos princípios teóricos – e por conseguinte, práticos – da Escola de Palo Alto tem-se a necessidade de “pensar antropologicamente a comunicação humana”, de forma que possamos “investigar etnograficamente os comportamentos, as situações, os objetos que, numa comunidade dada, são percebidos como portadores de um valor comunicativo. (Samain, 1998, p.11). Para os autores de Palo Alto, a comunicação estaria como:

(...) um processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual, etc. Não se trata de fazer uma oposição entre a comunicação verbal e a “comunicação não-verbal”: *a comunicação é um todo integrado.* (Winkin, 1998, p.32)

Sob essa ótica, o trabalho do repórter no cenário da narrativa estaria envolvido por subjetividade, afeição, emoção, memória e sentidos.

Na reportagem da *Época*, Segatto abre o coração e expõe esse envolvimento em sua própria transformação: “É exatamente o que sinto quando, a cada reportagem, tenho o privilégio de conhecer gente assim”.

Um mergulho sadio em nome da reportagem, ao fazer o leitor compreender a vida humana.

BIBLIOGRAFIA

BAITELLO, Norval. **O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária.** In: NETO, Antônio Fausto; HOHFELDT, Antônio; PRADO, José Luiz Aidar e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.) **Interação e sentidos no Ciberespaço e na Sociedade.** Compôs, volume 2. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001b.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano,** 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, São Paulo.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê.** Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

BUBER, Martin. **Eu-Tu.** São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FLUSSER, Vilem. **Los gestos: fenomenología y comunicación.** Barcelona: Herder, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.** Rio de Janeiro: Record, 2007 a.

7º Interprogramas de Mestrado

- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2006.
- _____. **Jornalismo e Epistemologia da Complexidade**. In: MEDINA, C. (org). Novo Pacto da Ciência. Anais do 1º Seminário Transdisciplinar. São Paulo: ECA-USP, 1991, pp.193-205.
- MENDONÇA, MARTHA. **R\$ 520 por uma vida**. Revista Época, São Paulo, Setembro de 2010.
- MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e Cidade: Vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma. Reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MOTA, M.R.P. **A épica eletrônica de Glauber: um estudo sobre cinema e TV**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SEGATTO, Cristiane. **Mães de UTI**. Época On Line, São Paulo, Julho de 2011. Acessado em julho de 2011.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Volume I. Florianópolis: Insular/Posjor-UFSC, 2005.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. Organização e apresentação: Etienne Samain. Campinas: Papirus, 1998.